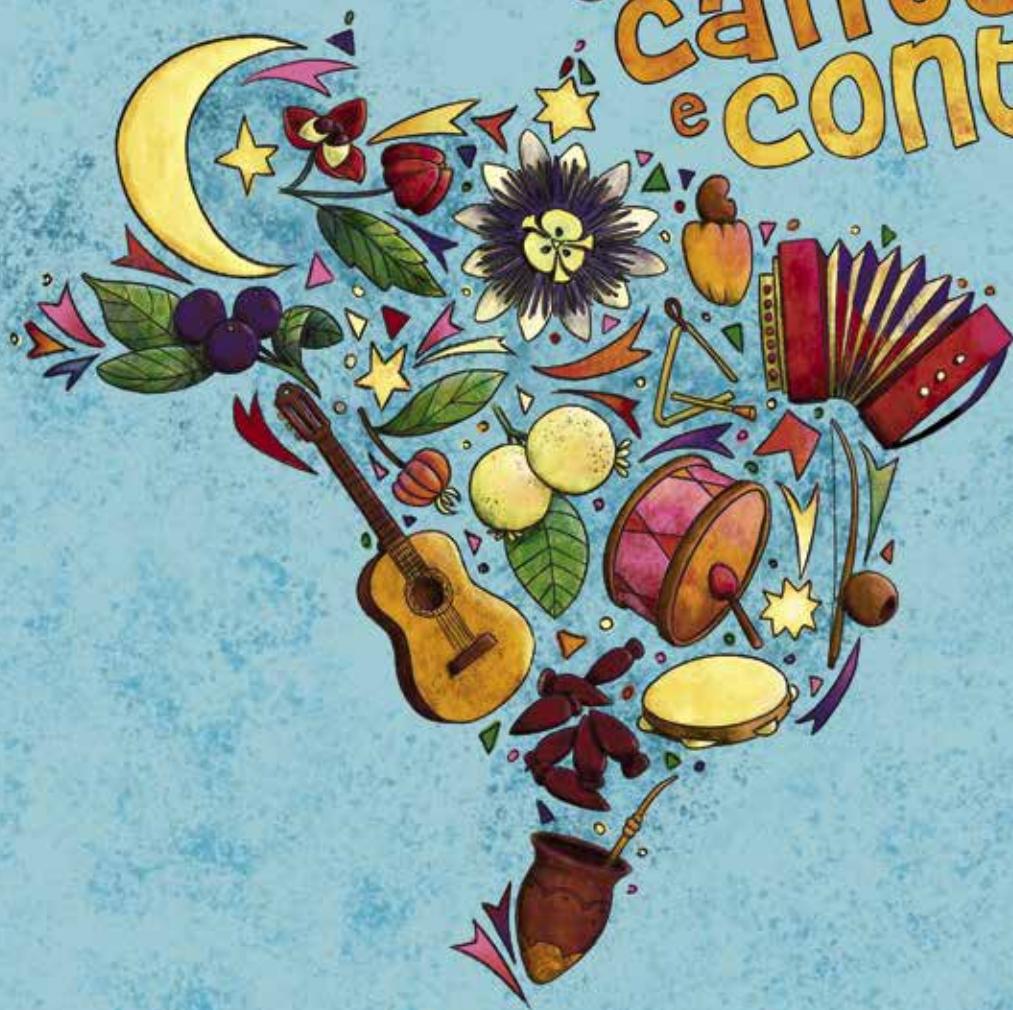


por
todos os
cantos
e contos





MIRACEMA-NUODEX

INDÚSTRIA QUÍMICA LTDA.

Fundada em 10 de maio de 1954, na cidade de Campinas, Estado de São Paulo com a denominação de Indústrias Químicas Rodolfo Rohr S.A. Com a marca Liovac®, a Miracema foi pioneira na fabricação de aditivos para óleos lubrificantes industriais, e se tornou fornecedora exclusiva para as companhias petrolíferas internacionais.

A mudança de nome para Companhia Miracema Industrial foi uma homenagem à cidade de Miracema do Norte no Estado de Goiás - hoje Estado do Tocantins - onde seu fundador desenvolveu e implementou um projeto para mecanização da quebra do coco de babaçu. Com a aquisição da Nuodex Brasil S.A. no começo dos anos 70, iniciou-se o desenvolvimento e a produção de secantes para tintas com a marca Liosec®.

Em 1972, passou a ser denominada Miracema-Nuodex, fortalecendo seu posicionamento no mercado nacional e internacional

Atualmente, a Miracema-Nuodex desenvolve e produz matérias-primas, aditivos, componentes e catalisadores para diversas indústrias de transformação das mais variadas áreas e setores, todos desenvolvidos e aperfeiçoados em laboratórios aplicativos e de pesquisa próprios, para que nossos clientes dos cinco continentes, recebam produtos de acordo com suas necessidades e exigências.

Miracema-Nuodex.

Química para um mundo em transformação



PRÓLOGO

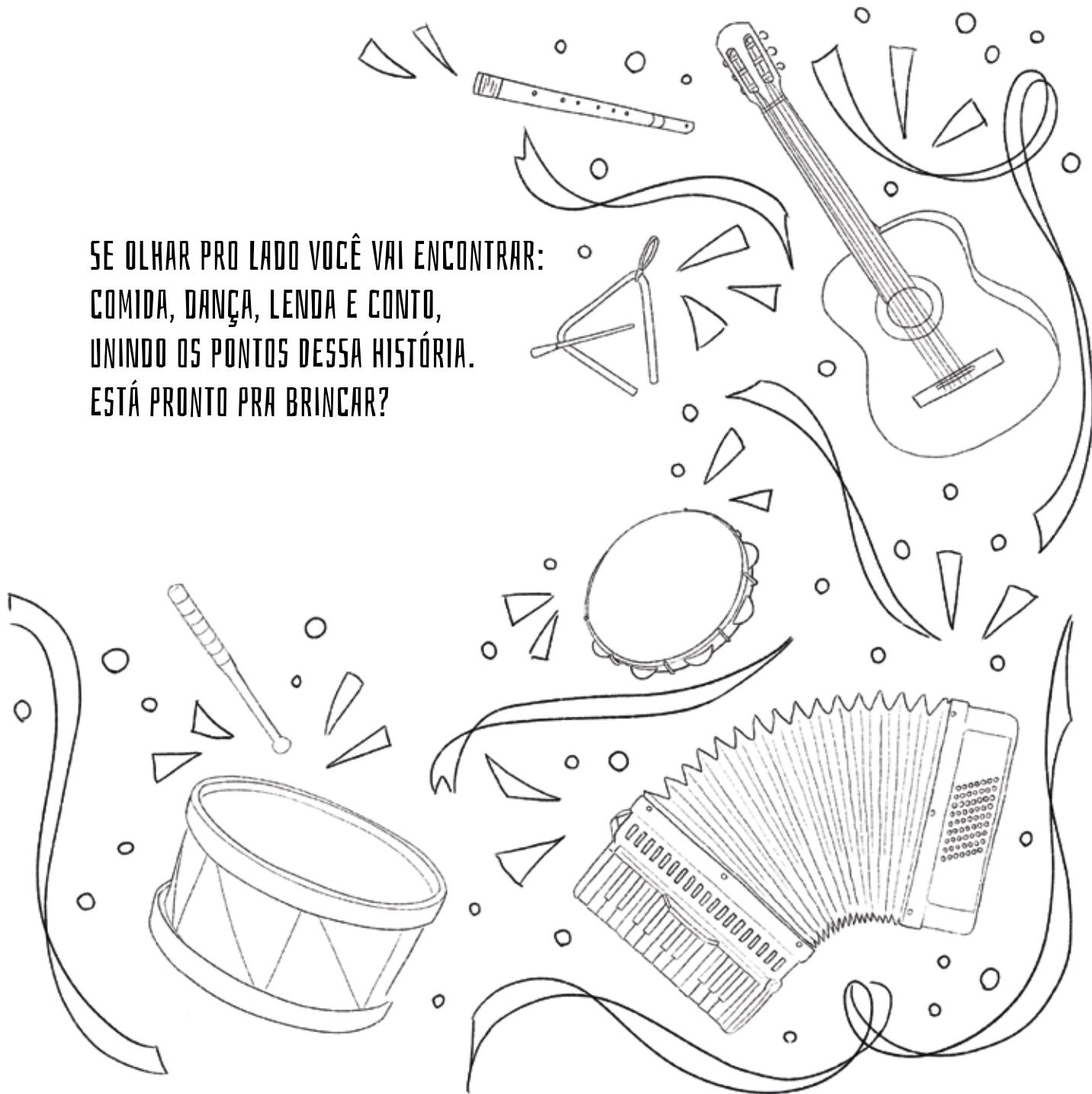
CHEGA AÍ MEU POVO,
SE APROCHEGUE VAGAROSO,
AJEITE UM CANTO, QUE EU TE CONTO:
A HISTÓRIA VAI COMEÇAR.

...

TEM NO SUL E NO SUDESTE
NO NORTE E NO NORDESTE,
TEM TAMBÉM NO CENTRO-DESTE,
TEM AQUI E EM TODO LUGAR.

...

SE OLHAR PRO LADO VOCÊ VAI ENCONTRAR:
COMIDA, DANÇA, LENDA E CONTO,
UNINDO OS PONTOS DESSA HISTÓRIA.
ESTÁ PRONTO PRA BRINCAR?





É um lindo dia no Rancho das Jaboticabas. As maritacas animadas voam em bando numa cantoria volumosa pelos céus. Dois cachorros vira-latas dividem espaço à sombra das árvores frutíferas, as galinhas ciscam seus últimos bocados no terreiro, enquanto ao longe se escuta o barulho do riacho de águas rasas que corre atrás do milharal.

Dentro da casa de varanda e janelas grandes, estão Lis e Téo que, entediados, ignoram a paisagem. Os irmãos que vieram passar as férias na casa da avó Flora, não tiveram os dias que planejaram, já que por essas bandas, banda larga é raridade e sinal de telefone só mesmo com muita sorte.

Antes de morar em seu rancho, Vó Flora já morou em muitos cantos do Brasil. Muito animada e divertida, ela sempre faz amigos por onde passa. Com os netos em casa, a avó convida as crianças para viverem muitas aventuras pelas redondezas, porém, as crianças estão muito ligadas em seus celulares e jogos para atenderem ao seu convite.

Depois de dias e dias, pulando do sofá pra cadeira, da cadeira pro sofá em busca de uma pontinha de sinal de internet ou assistindo às séries que já haviam baixado em seus celulares, é chegado o último dia dos irmãos no Rancho das Jaboticabas. Com as malas arrumadas Lis e Téo só aguardam o próximo dia amanhecer para voltarem pra casa e para o wi-fi.

No entanto, a noite chega e com ela barulho de trovões. Parece que vai cair uma chuva na última noite de férias dos irmãos.

– Crianças, fechem as janelas! Quando o tempo vira assim é água que não acaba mais! Eu vou tirar a roupa do varal! – diz vó Flora, saindo.

Dito e feito! Uma chuva forte cai no rancho da vó Flora e as janelas, que acabaram de ser fechadas pelas crianças, começam a tremer com o vento. Lis e Téo escutam um barulho estrondoso lá fora, parece que uma das árvores tinha acabado de ser atingida por um raio. As luzes se apagam e os irmãos assustados chamam pela avó. Mas sem receber respostas para seus chamados, Lis e Téo concluem:

– A vó Flora desapareceu!

Andando de um lado para o outro, ainda procurando por algum sinal de sua avó, Lis tropeça em alguma coisa no escuro e Téo rapidamente acende a lanterna do celular para ajudar a irmã. Com a luz produzida pelo celular, a menina consegue ver que havia tropeçado em um livro que trazia na capa a seguinte frase: *“Na hora que você precisar, isso vai ajudar.”*

– Ajuda? É exatamente disso que estamos precisando agora. – diz Lis.

Curiosas, as crianças abrem o livro e, como mágica, de dentro dele sai uma luz que ilumina toda a sala. Espantadas, elas arriscam ler o que está escrito na primeira página:

“Sejam muito bem-vindos, aventureiros. Logo de partida já vou lhes adiantar: que se não quiserem no escuro ficar, vocês não podem mais me fechar. Porém, digo que não é tão simples assim: se a leitura tiver fim, também apaga a luz que brilha em mim. Se a história quiser desvendar, todo o livro terá que terminar.”

Lis e Téó, preocupados com o sumiço da vó Flora, decidem seguir as instruções do tal livro misterioso e continuam a leitura:

“Tem gente que só sabe das coisas de lá e pouco sabe das coisas daqui. Tem gente que vive pra lá querendo ir e as belezas de cá não buscam descobrir. Eles pensam que história boa só vem de lá, porque ainda não quiseram as histórias boas daqui escutar.”

E para espanto das crianças, de um canto da sala surgem rolando duas latinhas presas por um fio de barbante. As latinhas vão parar nos pés de Téó:

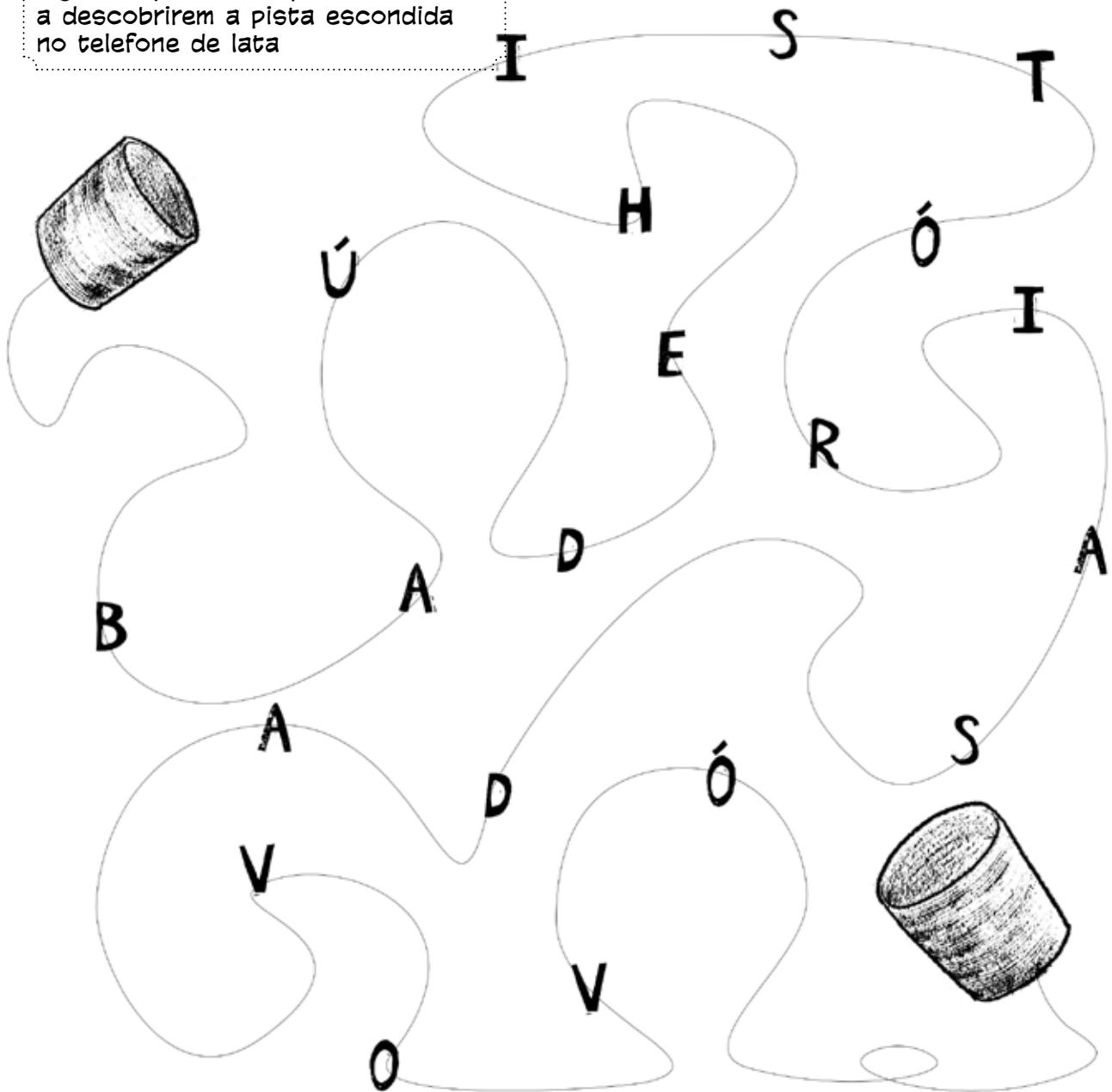
– Mas o que é isso? – diz sem entender nada.

– Isso é um telefone de lata! A vovó disse que eles brincavam se falando assim antigamente. – lembra Lis, reconhecendo o brinquedo.

Os irmãos se arriscam a entender o funcionamento daquele telefone engraçado, sem visores ou dígitos. Lis põe uma lata no ouvido, enquanto do outro lado do barbante, Téó se aventura a dizer algumas palavras dentro da outra lata. Entre risos e descobertas, as crianças se revezam entre quem fala e quem escuta. Nesse bate-papo muitas palavras se embaralham, Lis e Téó quase não percebem que o antigo brinquedo da vovó traz consigo uma pista para seu paradeiro.

Lis e Téó descobrem no telefone de lata uma pista para encontrarem a vovó Flora. A pista leva os irmãos até um velho baú. As crianças, que nunca haviam reparado nessa grande caixa guardada no canto da sala, decidem abri-la em busca de mais informações.

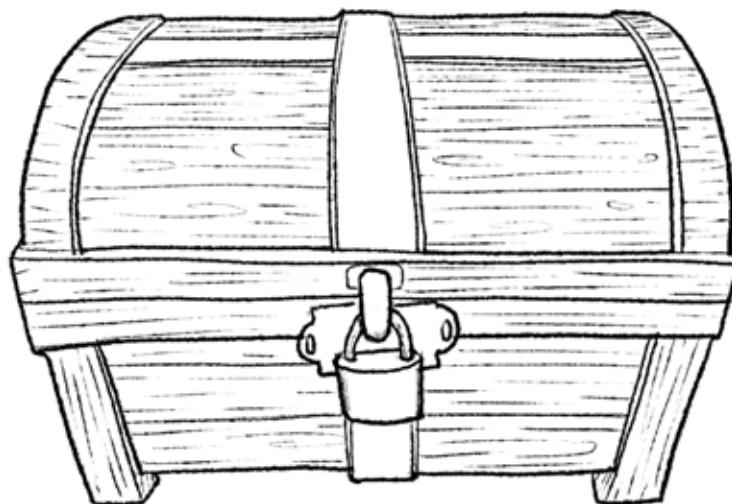
Ligue os pontos e ajude os irmãos a descobrir a pista escondida no telefone de lata



Téo afasta a tampa da caixa com cuidado, com medo do que pode pular de dentro dela, mas os irmãos encontram apenas envelopes e papéis amarelados, além de um grande álbum de fotos e outros pequenos objetos antigos. E em cima de todas as coisas está um envelope com a frase: *“Leia-me!”*. Lis surpreendida com todas aquelas velharias, rapidamente abre o envelope e lê a mensagem para Téo:

“Eu lhes apresento o Baú de Histórias da Vovó. Histórias que não dão ponto sem nó. Para saber do seu paradeiro, vocês precisam saber de onde ela veio.”

Junto com o bilhete, o envelope também guarda um antigo desenho que a vó Flora fez quando criança e um cartão postal já descolorido.



Você consegue descobrir em qual Estado do Brasil a vó Flora nasceu, observando o cartão postal encontrado pelos irmãos?



– Este cartão-postal, pelo que diz o bilhete do envelope, deve ser do lugar onde a vovó nasceu. Mas... e esse desenho? Será que a vovó fez quando ainda era pequenininha? – Lis fica matutando.

– Aqui embaixo está escrito assim. Olha só: eu e meu amigo, Pai do Mato. – aponta Téó, pegando o desenho nas mãos.

Após as palavras ditas por Téó, ouve-se um grande barulho e a luz volta a piscar. Mais do que depressa, as crianças retomam a leitura do livro na esperança de que a luz volte a brilhar e iluminar a sala.

Em voz alta, Lis lê a próxima página do livro misterioso:

“Ele vem do tempo em que quase tudo era Floresta e hoje briga pra defender o pouco que ainda resta. Sua cara, quase ninguém nunca viu e vem de lá do centro do Brasil. Pelas matas ele costuma caminhar, perseguindo os covardes, que insistem desmatar.”

– Mas o que isso quer dizer? – pergunta Téó.

– Eu não sei. Mas a vó Flora já morou no Centro-Oeste, pelo que a gente viu no cartão-postal. – diz Lis.

– E pelo desenho aqui, parece que ela é bem amiga desse Pai do Mato, Lis. – diz Téó ainda segurando o pedaço de papel com o desenho da vó.

E, de repente, sem que as crianças percebam, surge de trás das cortinas fechadas um ser estranho. De nariz azul e pelos compridos, ele assusta os irmãos com seu urro ensurdecador:

– Quem derrubou as árvores? Diga, bicho-homem, quem derrubou as árvores?

Lis e Téó pulam de susto. Afinal, de onde havia surgido aquela criatura? E de que árvores estaria ele falando? Então, Téó se esconde atrás do sofá e fica abraçado ao livro e ao desenho da vó Flora, enquanto Lis se recupera do susto. Com cautela, ela tenta se aproximar daquele ser estranho.

– Acalme-se, bichinho. A gente não derrubou árvore nenhuma, deve ter sido a chuva. Estamos aqui procurando nossa vó. – diz Lis, se aproximando.

– Não! Não se aproxime! Não confio em bicho-homem, nem em bicho-homem pequeno. – diz o ser evitando que Lis chegue mais perto.

– Fique onde está! Bicho-homem é do tipo traiçoeiro, que nunca assume a responsabilidade. Arranca tudo que pode em nome da civilização! Usam do bicho, da pele ao coração. Lá de onde eu venho, a terra fértil ficou seca. E de tanto que arrancaram, as árvores que sobraram, são rasteiras e tortas, de tanto medo e aflição. Bicho-homem tira tudo sem pensar! Bicho-homem quer ter muito! Bicho-homem pouco dá!

– Lis, chega aqui! – diz Téó, chamando a irmã para perto. “Eu acho que esse aí é o tal Pai do Mato, amigo da vovó! Do jeito que está falando parece mesmo um grande protetor da natureza e olha como parece com o desenho que a vovó fez.” – conclui Téó.



– Olha, Téo! Acho que você pode ter razão. Esse bicho estranho é bem parecido com aquele desenho que achamos nas coisas da vovó. – diz Lis, convencendo-se.

– Irmã, você acha que esse tal Bicho-homem pode ter raptado a vovó? – pergunta Téo, com a voz trêmula de medo.

Apesar de também estar bem preocupada com o desaparecimento da avó e os acontecimentos misteriosos que não param de surpreendê-los, Lis ri da imaginação do irmão.

– O que você disse, bicho-pequeno? Bicho-homem levou também sua avó? – pergunta, com certa preocupação, Pai do Mato ao escutar o cochicho dos irmãos.

Lis e Téo dão um pequeno salto de susto, mas entendendo a preocupação do Pai do Mato, saem de trás do sofá e tentam novamente se aproximar daquele ser esquisito. Lis aproveita para pegar o telefone de lata – a primeira pista que encontraram após o desaparecimento da vovó – enquanto Téo segura com firmeza o livro que continua iluminando o ambiente.

– Nem mais um passo! Não precisa chegar tão perto, bichinhos!
– Novamente o Pai do Mato impede a aproximação dos irmãos. – Estou sentindo o cheiro daqui. Esse cheiro... é cheiro de jacaré... cheiro de jacaré bruxa! A sua avó está em perigo!

Lis e Téo se entreolham sem entender nada. Afinal, apesar de tanta coisa estranha que já tinha acontecido naquele dia, a possibilidade de um jacaré estar envolvido no sumiço da vó Flora era demais até mesmo para a imaginação fértil de Téo.

– Este cheiro parece vir desse brinquedo de lata, bicho-menina. O livro que o bicho-pequeno segura, eu já vi antes. Este punhado de papel conta a história da sua avó, os lugares onde andou, brincou, as coisas que comeu. E agora tudo o que ela um dia viveu, cada personagem que ela conheceu, pode ganhar vida e vir até vocês. Vocês precisam terminar de ler e fazer tudo o que ele pede. Se não encontrarem a vó Flora até chegarem no final da leitura, ela pode ficar presa no livro e virar apenas um personagem dessas histórias.

Pai do Mato assusta os irmãos com essa notícia inesperada. O visitante, então, mostra para as crianças como o livro funciona. Fala sobre como era o personagem favorito da vó Flora quando criança. Conta também da possibilidade de o próprio livro ter criado o rastro para trazê-lo até o rancho.

– Você pode nos ajudar a encontrar a vovó? – pergunta Téó, esperançoso com a ajuda do Pai do Mato.

– Eu não posso fazer nada. É só pensando como ela, brincando com o que ela brincou. Fazendo tudo que ela fez e provou é que vocês vão conseguir chegar no final... – e dizendo isso Pai do Mato some entre as cortinas.

Pai do Mato some da sala sem deixar rastros de seu destino. Só depois disso é que Lis, finalmente, consegue se aproximar do lugar onde o visitante ocupava. E, como mistério pouco é bobagem, a menina encontra dois bastões e um apito.

– Pronto! Mais essa agora! Para o que será que essas coisas servem? – diz Lis sem encontrar sentido nos objetos deixados pelo Pai do Mato.

– Será que barulho de apito assusta jacaré bruxa? – pergunta Téó, sorrindo num misto de nervosismo e curiosidade.

Lis mais uma vez ri da imaginação do irmão. Mas as risadas não duram muito tempo. A luz volta a piscar e as crianças, sem demora, correm para ler mais uma página do livro de histórias da vovó.

“Não se enganem que ainda continua essa aventura! Que vai mostrar todo tipo de cultura: de nariz azul e passo lento, já conheceram o amigo do centro. Mas, mexendo o corpo, muita história também dá pra contar. Agora chegou a sua vez: quero te ver dançar. A vovó sempre quis ser bailarina. De pequena, já mexia mole feito margarina. Com o apito e o bastão, se dança a dança do vilão.”

– A vovó bailarina? – Lis acha engraçado.

– Olha essas fotos! Devem ser todas da Vó Flora dançando. – diz Téó, revirando mais fotos de dentro do baú.

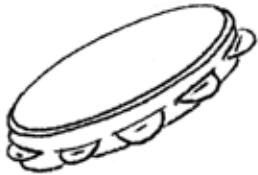
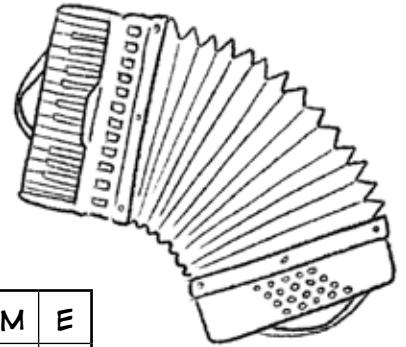
– Uau! A nossa avó já dançou todas essas danças! – diz Lis.

– E já visitou todos esses lugares! – diz Téó.– Nunca imaginei a vovó dançando assim, parece bem divertido. Podemos aprender alguns passos com ela, o que acha?

– Claro, Téó, mas pra fazer isso precisamos encontrá-la! E, antes que a luz volte a piscar, vamos logo ler a próxima página dessa história. – diz Lis, que volta a ler o livro, ansiosa para saber o final.

E na próxima página do livro a história continua...

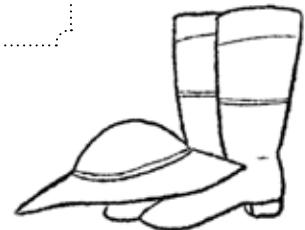
Os irmãos descobriram que a vó Flora já se divertiu dançando muitas danças brasileiras. O seu desafio é encontrar aqui o nome de algumas delas. Use o banco de palavras para te ajudar nessa busca.



I	Y	V	O	T	F	R	E	V	O	M	E
I	I	A	O	I	A	S	W	O	U	B	G
O	N	N	O	D	W	H	T	E	A	I	I
T	T	T	E	S	L	I	R	A	W	A	W
D	A	N	Ç	A	D	O	V	I	L	Ã	O
T	F	D	K	M	R	U	H	E	J	S	C
E	W	O	I	B	R	E	T	I	A	N	A
O	M	A	R	A	C	A	T	U	E	P	T
H	E	E	I	I	W	F	V	E	A	H	I
F	M	E	A	R	D	F	H	I	W	H	R
F	O	R	R	Ó	N	Y	B	C	I	S	A
O	M	L	G	N	A	E	E	E	H	E	E



maracatu catira
 frevo dança do vilão
 forró samba



“É linda a alegria do dançar, mas ainda existem muitos mistérios pra desvendar. Se quem tá sumido, ainda precisa voltar, com a cabeça de quem tá perdido, vocês devem pensar. Quem é velho, um dia já foi moço. Quem já aprendeu muito nessas ‘andança’, um dia também já foi criança. Dizem que as crianças de hoje não sabem brincar. Mas é brincando com o que se brincava antes, que vocês vão encontrar.”

– Olha! Tem mais uma anotação no rodapé da página! – observa animado Téo.

A menina então caminha até o sofá, abaixa-se e estica o braço por debaixo do móvel para procurar a caixa escondida. Assim que a encontra, leva até o irmão para descobrirem juntos o que os espera.

A caixa, bem menor que o baú que haviam encontrado anteriormente, trazia na tampa o seguinte convite: ***“Em caso de tristeza e aflição, rompa o lacre e brinque sem moderação”***.

E sem tanta preocupação, os irmãos abrem a caixa e se surpreendem com o que encontram:

– Que são essas coisas aqui? Parecem ser bem velhas... – diz Téo.

– Não sei. Um elástico! Pra quê isso serve!?! Pra amarrar o cabelo, será!?! – se pergunta Lis curiosa.

– E esse monte de bolinhas!?! – diz Téo, com as bolinhas de gude na mão. – Estão faltando uns jogadores pequeninos pra chutar! - completa o garoto.

Lis e Téo espalham os velhos brinquedos da avó pela sala. Da caixa saem peões, petecas, elásticos de pular, bolinhas de gude e muitos outros brinquedos que fizeram parte da infância de vó Flora.

Você reconhece os brinquedos que saíram da caixa? Já brincou com algum deles? O seu desafio é completar as lacunas com o nome de cada brinquedo. Agora é com você!



-- A --



-- T --



C _ _ _ o

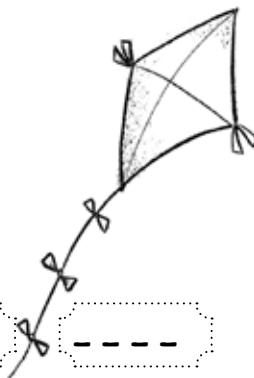
_ A _ _ _ S





----- N
- - - - - L - - - - -







B _ _ _ _ _
- - - - - G _ _ _ _ -

Enquanto brincam e se divertem, as crianças nem percebem o tempo passar. Mas logo o livro misterioso volta a piscar, avisando os irmãos que eles precisam retomar a leitura e desvendar o paradeiro da vovó. E pausando a brincadeira, a leitura continua...

“Se nessa história quiserem avançar, precisam saber onde vão pisar. Quem foi embora precisa voltar e só quem ficou consegue ajudar. Mas tomem muito cuidado em quem confiar...”

Nesse momento, Lis e Téo ouvem alguém bater à porta e uma voz estranha pede para entrar na casa:

– Sou eu, meus netinhos. Abram a porta pra vovó!

Lis e Téo abrem a porta e uma pessoa entra. Ela está vestindo uma grande capa e o rosto está coberto por um cachecol. Os irmãos correm para abraçá-la.

– Que bom que você voltou, Vovó. – diz Téo aliviado. “Mas, que roupas são essas?” - continua.

– Peguei emprestada com a vizinha, porque as minhas estavam encharcadas. – responde.

– A sua voz está tão estranha.... – repara Lis.

– Atchim, atchim! E como estava muito molhada, acho que fiquei resfriada! – diz disfarçando a voz.

As crianças então começam a contar para a vó tudo que havia acontecido desde seu sumiço. Contaram sobre o livro, o Pai do

Mato, as danças e brincadeiras. Falaram tanto e ao mesmo tempo, que desnor-teou quem escutava.

– Calados, boca fechada! Parados! Nem mais um pio e nem mais um passo! – disse nervosa. Mas, depois, recompondo-se continuou com voz doce: “Depois vocês me contam a história toda com detalhes, agora é hora da sopa!”.

– Sopa? Você sabe que não gostamos de sopa. – diz Téo desapontado.

– Eu disse sopa? Isso é maneira de dizer. Na verdade, agora é hora do banquete completo! Esperem aqui que eu já vou buscar. – diz lambendo os beiços e sai.

Na sala, Lis e Téo começam a conversar:

– Você não está achando a vovó muito esquisita? – cochicha Lis.

– Eu adorei a ideia do banquete, mas você tem razão. A vovó está bem esquisita. – responde Téo.

Ao voltar da cozinha empurrando um grande carrinho com diversas comidas, a estranha vovó apresenta o banquete para os irmãos:

– Muito bem, queridinhos, podem atacar! Comam bastante e, assim, a sopa ficará uma delícia!

– Que história é essa de sopa, vó? A gente já disse que... – tenta dizer novamente Téo.

– Sem conversar! Agora é hora de mastigar! Aqui tem brigadeiro, pão de queijo, coxinha...! – diz a suposta vó.

– Mas, Vó Flora, onde aprendeu a cozinhar tudo isso? – pergunta Téo. A senhora não sabe cozinhar essas coisas.

Os irmãos se entreolham e chegam a uma conclusão: – Você não é a vovó!

Deixando o pano que cobria o rosto cair no chão, ela mostra sua cara de jacaré. A vovó impostora revela sua identidade e coloca-se em posição de ataque:

– Tá bom, vocês ganharam. Não é nada disso que eu quero jantar! São duas crianças intrometidas que eu vou devorar!

A luz do livro volta a piscar e a figura com cara de jacaré se aproxima passo a passo das crianças. Apavoradas, elas correm em direção ao livro e voltam a lê-lo.

“Feia e briguenta como só, a Cuca, de criança, não tem dó. Brava, a bruxa com cara de jacaré é teimosa e gruda no seu pé. Se não tiver como escapar, um desafio terão que jogar. A tnhosa não suporta perder. E se isso acontecer, ela logo vai se esconder”

E dessa forma, Lis e Téó não perdem tempo:

– Dona Jacaróia, te proponho um desafio. Sei que a senhora tem que aceitar! – convoca Lis.

– Eu sempre costumo ganhar! Então pode começar. – responde.

Então, os netos disparam alternando-se:

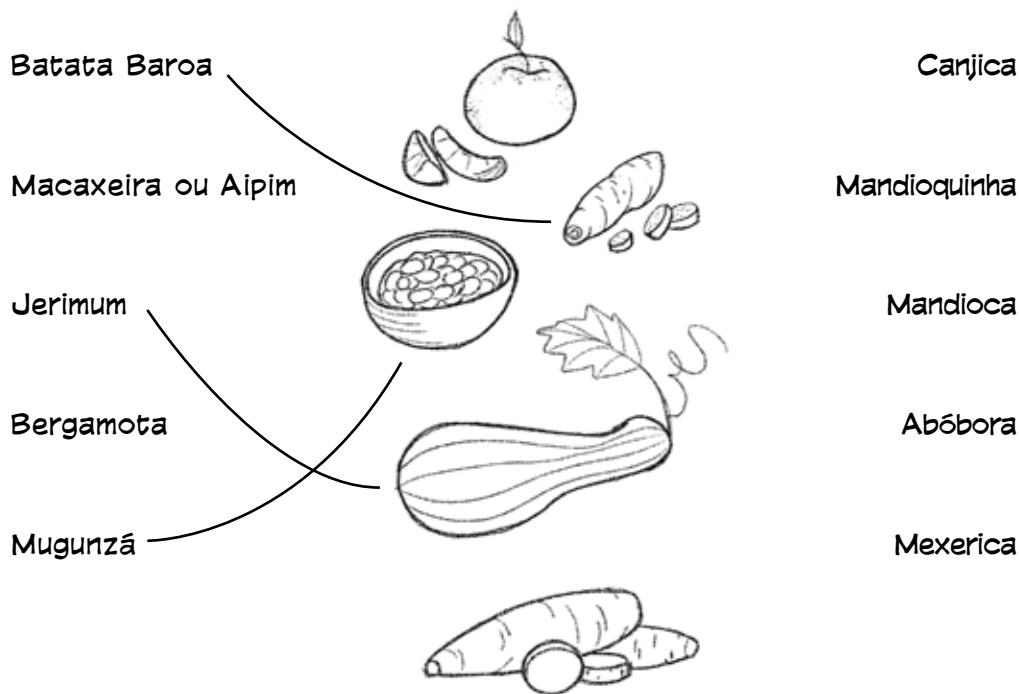
– O que é o que é? Cai de pé e corre deitado?

– O que é o que é? É magro pra chuchu, tem dentes, mas nunca come, e mesmo sem ter dinheiro, dá comida a quem tem fome?

– O que é o que é? É surdo, mudo, mas tudo conta?

– Agora é minha vez! E dessa vez eu vou pra ganhar! Eu estou morrendo de fome. Já passou da hora do meu jantar. O trato vai ser bem simples. Se vencerem, com toda essa mesa poderão ficar, mas se eu ganhar... cada pedacinho de vocês eu vou devorar! – ameaça a Jacaroa. – O jogo é muito fácil! Eu digo o nome de uma comidinha e vocês apontam ela pra mim.

A Cuca escolheu pratos que podem ter mais de um nome, de acordo com a região do Brasil em que aparecem. Ajude Lis e Téo a encontrarem cada guloseima, ligando os nomes correspondentes:



Ufa! Vocês conseguiram concluir os desafios propostos pela faminta Cuca. Lis e Téo comemoram e a jacaroa vai saindo, mas antes deixa uma última charada:

– Não é possível! Vocês venceram, eu vou embora. Mas não saio derrotada. Se quiserem encontrar a vovó de vocês, precisam resolver mais uma charada: “Uma parte é doce e a outra é salgada. Come-se depois do almoço, mas não existe hora errada. Tem nome de peça de teatro. A próxima pista tá no fundo do prato.”

Ajude os irmãos a descobrirem qual é a resposta para essa charada:

a) O cravo e a Rosa b) Romeu e Julieta c) João e Maria

Os irmãos pensam e repensam, até que Lis conclui animada:

– Claro! O queijo é salgado e a goiabada é doce! Formam a sobremesa perfeita, assim como o casal da história de Shakespeare.

– Você é uma gênio, maninha! – diz Téo impressionado, correndo para ver o que o prato pode revelar sobre o paradeiro de sua vó.

Embaixo do prato de Romeu e Julieta, Téo encontra um pedaço grande de papel dobrado em muitas partes. Curiosas, as crianças não demoram em desdobrar aquele grande papel e descobrem um mapa do Brasil.

O mapa está cheio de anotações e colagens de fotos antigas. Vovó Flora havia anotado curiosidades e histórias sobre os lugares que já havia morado, guardava também fotos engraçadas em diferentes lugares*.

Lis e Téo estavam muito entretidos, até que uma voz misteriosa volta para assustá-los:

Parabéns, bravos aventureiros! Chegaram ao fim de sua jornada, mas ainda lhes restam uma última charada. Como perceberam, a vovó ainda não voltou, mesmo depois que o enigma solucionou. Do primeiro encontro conseguiram escapar, mas o mundo é duro e gosta de desafiar.

– De quem é essa voz? – pergunta Lis.

– Falando rimado desse jeito, parece até que o livro começou a falar! – diz Téo achando aquilo um tanto engraçado, ainda que suas pernas estivessem trêmulas de medo.

E de novo a Cuca entra assustadoramente na sala:

– Acharam mesmo que eu ia desistir tão fácil?! Eu tô com fome e não gosto de dormir de barriga vazia! Chega até a me dar azia!

Téo sai correndo assustado buscando uma forma de se esconder, mas Lis fica parada no lugar observando a Cuca que se aproxima passo após passo.

– Olha como é corajosa! Acho que vou começar por você! – ameaça a jacaroa.

– Tá bom! Pode vir aqui me morder! – responde Lis sem demonstrar o mínimo medo.

Tremendo, detrás do sofá, Téo grita preocupado com a irmã:

– Você tá maluca! Vem aqui! Se esconda aqui comigo.

Desapontada com a reação da menina, a Cuca continua se aproximando de Lis vagarosamente.

– Huum... assim não é tão divertido, mas tudo bem... – resmunga a figura com cara de jacaré.

– Pode vir aqui pertinho. Quero ver por qual parte a senhora vai começar a me devorar... vovó! – exclama Lis revelando o rosto da avó por debaixo da máscara de jacaré.

Téo, ainda atrás do sofá, esfrega os olhos sem acreditar na descoberta que a irmã acaba de fazer: – Vovó!

Dona Flora, retirando o restante de seu disfarce, parabeniza a neta pela astúcia e, entre gargalhadas, completa:

– Vocês tinham que ver a cara de vocês dois quando eu disse que ia devorá-los... acreditaram que eu era a Cuca! Caíram direitinho no meu plano.

Saindo de seu esconderijo, Téo vai se juntar a irmã que esperava explicações de sua avó:

– Vó Flora, o que está acontecendo aqui? Que plano é esse que está falando?

– Vocês não me deixaram outra escolha. Levei quase um ano planejando toda essa brincadeira. Ano passado, quando vieram prá cá nas férias de vocês, foi a mesma coisa. Ficaram trancados dentro da minha casa todos os dias. O sol brilhando lá fora, com um monte de fruta pra comer no pé, o rio aqui pertinho pra nadar, e vocês lá presos no celular. Não largavam o bichinho nem pra comer! - desabafa a vovó.



MAPA DO BRASIL



Norte:

Aqui conheci o fruto do guaraná – A lenda conta que na tribo dos Sateré-Mawé nasceu uma criança presente de Tupã, deus do trovão. Mas Jurupari, a divindade do mal, se transformou numa cobra venenosa para matá-la. Atacada pela cobra, a criança morreu e seus olhos foram enterrados ao lado da aldeia, de onde nasceu uma planta cujo fruto sagrado lembra os olhos do pequeno menino.

Centro-Oeste

Aqui fica parte do Pantanal, que é a maior planície inundável do planeta. Isso quer dizer que durante alguns meses do ano chove tanto que os rios transbordam e quase tudo fica embaixo d'água. Depois que essa água toda escoar, o solo fica enriquecido pronto para o crescimento da vegetação. Foi aqui que conheci o meu amigo Pai-do-Mato, grande defensor da natureza.



Nordeste

Nordeste

Conheci a literatura de cordel – Pequenos livretos escritos em prosa ou verso que contam as mais variadas histórias. Ficam pendurados em barbantes ou cordas – daí que vem o nome.

Sudeste:

Aqui experimentei a coxinha de frango – Dizem que numa fazenda do interior morava um príncipe que só comia coxas de frango. A cozinheira do príncipe notando que as coxas haviam acabado e com medo de ser punida, desfiou as outras partes do frango, envolveu numa massa de batatas e moldou em formato de coxas. O príncipe adorou as novas coxinhas fritas!



Sul

Araucária e a gralha azul – Diz a lenda que a gralha ganhou esse manto azul de presente por ajudar os deuses no plantio das florestas de araucária. E ajuda até hoje!



Os irmãos, com os olhos fixos na avó, toda orgulhosa de seu plano, ouviam cada palavra, mas ainda estavam surpresos e assustados com tudo que haviam vivido naquele dia:

– Que coisa feia, viu, vó! Quase me matou de susto! – disse Téo para a avó.

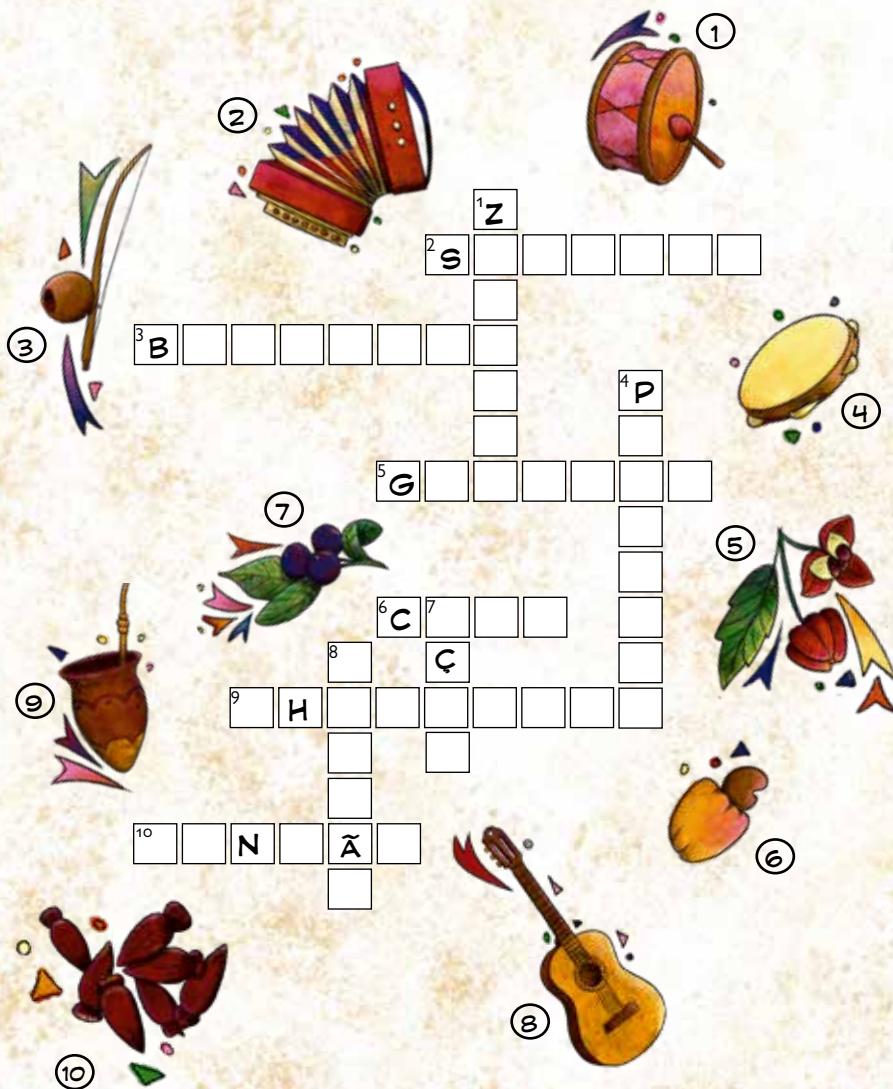
– É! A gente ficou preocupado com a senhora. – completou Lis.

– Está tudo bem, crianças! Mas, me diga uma coisa Lis, como você descobriu que eu era a CUCA? – pergunta Dona Flora curiosa.

– Elementar, cara vovó, elementar! A primeira pista foi o telefone de lata. Ele ainda estava com resquícios de leite condensado, ingrediente indispensável para os brigadeiros servidos pela Cuca. Reconheci a capa estranha que a Cuca usava nas fotos antigas de carnaval, adorei aquelas fantasias. No álbum de danças, a senhora aparece com essa mesma bota dançando catira. E, por fim, quem nos alertou sobre a Cuca foi o Pai do Mato, que além de nunca deixar a gente se aproximar dele, também tinha olhos que pareciam com aquelas bolinhas da antiga caixa de brinquedos. – disse a menina detalhadamente.

– Mas, veja só! Até que vocês são bons observadores! – diz a avó sorrindo orgulhosa. E no final de tudo, vocês passaram um dia diferente, não é mesmo? E ainda conheceram um pouco da história da vovó, que já andou por muitos cantos desse Brasil. Agora é hora de descansar, amanhã vocês voltam para casa e levarão na bagagem um tanto de história pra contar.

Que tal um último desafio? Complete as palavras cruzadas seguindo a indicação das ilustrações:



ficha técnica

★ Peça

dramaturgia:

Vitor Paranhos

direção e ideia original:

Bruno Ferian

produção:

Rodrigo Lopes

★ Livro

adaptação:

Marina Branco

ilustrações, projeto gráfico

e diagramação:

Maria Paula Ferraz Dias

revisão:

Jaqueline Ramirez

Os irmãos Lis e Téo precisam encontrar a Vó Flora que desapareceu misteriosamente durante uma forte chuva que caía no Rancho das Jaboticabas. Seguindo as pistas de um livro mágico, ajude os irmãos nessa jornada viajando pelos quatro cantos do Brasil.



www.mercuriocultural.com.br

   /MercúrioCultural



patrocínio



apoio



realização



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO

